

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HEVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS

ERISMAR VELOSO DE SOUSA

**IMPLICAÇÕES DO ENSINO TRADICIONAL DE LEITURA E PRODUÇÃO DE
TEXTOS NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Picos

2014

ERISMAR VELOSO DE SOUSA

**IMPLICAÇÕES DO ENSINO TRADICIONAL DE LEITURA E PRODUÇÃO DE
TEXTOS NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado ao Curso de Letras da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras - Português.

Orientadora: Profa. Ma. Leila Rachel Barbosa Alexandre

Picos

2014

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S725i Sousa, Erismar Veloso de.
Implicações do ensino tradicional de leitura e produção
de textos no 9º ano do ensino fundamental / Erismar
Veloso de Sousa – 2014.
CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (53 p.)

Monografia(Licenciatura em Letras-Português) –
Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.
Orientador(A): Profa. Me. Leila Raquel Barbosa Alexandre

1. Leitura. 2. Produção Textual. 3. Gêneros Textuais. I
Título.

CDD 372.4

ERISMAR VELOSO DE SOUSA

**IMPLICAÇÕES DO ENSINO TRADICIONAL DE LEITURA E PRODUÇÃO DE
TEXTOS NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

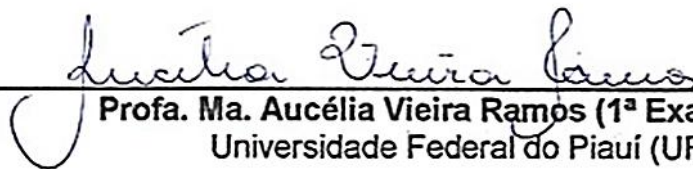
Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado ao Curso de Letras da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras - Português.

Aprovado em: 34 / 08 / 2012

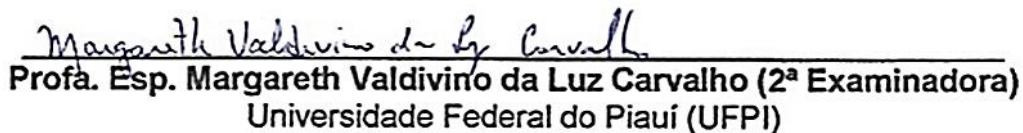
BANCA EXAMINADORA



Profa. Ma. Leila Rachel Barbosa Alexandre (Presidente)
Universidade Federal do Piauí (UFPI)



Profa. Ma. Aucélia Vieira Ramos (1ª Examinadora)
Universidade Federal do Piauí (UFPI)



Profa. Esp. Margareth Valdivino da Luz Carvalho (2ª Examinadora)
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Aos meus pais pelo apoio incondicional,
aos meus amigos pelo companheirismo e
aos meus professores pelos
ensinamentos e pela contribuição que
tiveram na minha formação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me guiar sempre, me dando força e coragem para chegar até aqui, pois sem ele nada disso seria possível.

Aos meus pais Edimar e Marilene, pelo amor incondicional e por acreditarem sempre na minha capacidade e me apoiarem em tudo que preciso.

À minha avó Maria, pelos conselhos sábios e ensinamentos, que me ajudaram a tornar-me um homem de princípios.

À minha madrinha Zulmira (*in memoriam*), por todo o apoio, incentivo, amor e confiança que sempre depositou em mim.

Ao meu irmão Edgar e todos os meus familiares, pelo grande carinho que me oferecem.

Aos meus amigos, pela amizade sincera, por todo o apoio e dedicação que me concedem, e por fazer os meus dias muito mais alegres.

À minha orientadora Leila Rachel, pelo suporte, correções e por toda a paciência que teve comigo. Devo muito desse trabalho a ela.

Aos meus colegas de classe, em especial Cibelle, por entrar nesse barco comigo, por me apoiar e me incentivar sempre, e por toda a amizade sincera que sempre me deu; Geanice, por sua generosidade e toda a ajuda durante as aulas de Literatura; Lorena, pela confiança, pelo apoio e pelos momentos únicos de risada que só a gente entende; Roseângela, por sua simpatia, pelas broncas e pelos nossos momentos de descontração; Raquel, pela paciência com as minhas brincadeiras; Denilma, pelo afeto e companheirismo; Elenilde por ser minha companheira de aflição pré-tcc; Sérgio, por ser como um irmão nesses quatro anos de caminhada.

E a todos aqueles que de alguma maneira contribuíram para a minha formação. Meu muito obrigado.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 PROCESSO DE CONSTRUÇÃO TEXTUAL.....	11
2.1 Os gêneros textuais como ferramentas de ensino	11
2.2 As tipologias textuais	12
2.3 A relação entre autor, leitor e sociedade	13
2.4 Propriedades da produção textual	15
<i>2.4.1 Intencionalidade e aceitabilidade</i>	16
<i>2.4.2 Consistência e relevância</i>	16
2.5 Elementos gramaticais indispensáveis no texto	17
3 O ENSINO DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL.....	19
3.1 A importância da leitura para uma boa produção textual	20
3.2 Características de uma boa produção textual	22
3.3 A correção dos textos na sala de aula	23
3.4 Praticando a leitura com significados para uma boa produção textual	23
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	28
4.1 Sujeitos da pesquisa	28
4.2 A escolha do tema	28
4.3 Coleta de dados	29
5 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	32
5.1 A observação na sala de aula	32
5.2 Analisando as entrevistas	32
<i>5.2.1 A visão dos alunos sobre as aulas de leitura e produção de textos</i>	33
<i>5.2.2 A visão dos professores sobre as suas práticas nas aulas de leitura e produção de texto</i>	43
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS.....	52

RESUMO

Este trabalho trata de analisar as implicações que regem o ato de ensinar a leitura e a produção textual no 9º ano do ensino fundamental, buscando identificar quais os problemas e necessidades que os professores de Língua Portuguesa enfrentam no momento de trabalhar essas práticas com esse alunado. Além disso, busca identificar quais os principais fatores que contribuem para um afastamento significativo dos alunos da prática do ensino com textos. Para isso, foram coletados dados e analisados durante um período de observação das aulas de português do Ginásio Municipal de Sussuapara (escola escolhida para alvo da pesquisa), e ainda foram feitas entrevistas com alunos da referida escola, juntamente com alguns professores, para um levantamento mais preciso dessas implicações que integram a tarefa de ensinar a ler e escrever com um olhar crítico, preparando os alunos para agirem em sociedade por meio dos textos. Nesse trabalho, encontra-se uma abordagem acerca dos gêneros textuais, que são elementos fundamentais no ensino, conforme os PCN. A pesquisa tem um aporte teórico embasado em autores como Geraldi (2003), Garcez (2004), Ferreiro (1993), Koch (2014), Marcuschi (2008), dentre outros. Além disso, procurou-se apontar os principais aspectos relevantes que devem ser levados em consideração pelo professor, e toda a escola no momento em que se trabalha com o ensino de leitura e escrita. Com a pesquisa evidenciou-se que os professores da referida escola buscam trabalhar a leitura como pressuposto importante para a formação de cidadãos críticos-reflexivos, no entanto o ensino com os textos vem sendo uma tarefa complicada para estes educadores. Falta um contato maior com as diversidades textuais, bem como atividades diversificadas no que rege este ensino. A produção de textos é pouco trabalhada com este alunado, e faltam projetos voltados para o estudo com os gêneros textuais.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Produção Textual. Ensino Fundamental. Gêneros Textuais. Ensino.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, podemos perceber que as práticas de leitura e produção textual fazem-se necessárias na vida dos indivíduos, visto que numa sociedade cada vez mais competitiva e com oportunidades de trabalho mais escassas, sobressair-se-ão aqueles que tiverem melhores conhecimentos, maior domínio da linguagem e capacidade de se manifestar de forma satisfatória nas diferentes situações às quais são submetidos cotidianamente, sejam elas faladas ou escritas. Mesmo assim, conforme Geraldi (1997), é muito comum encontrarmos na sala de aula de escolas do ensino fundamental, especificamente na rede pública de ensino, alunos que não têm um hábito de leitura e/ou produção textual, evidenciando uma grande deficiência do ensino nestas questões tão importantes para sua formação.

Nesse contexto, a escola deveria ser a principal contribuinte para formação de bons leitores e conseqüentemente bons escritores, no entanto, o que podemos observar é que nem sempre esses dois objetivos tão relevantes são trabalhados de forma satisfatória dentro do ambiente escolar. Considerando esse panorama, a realização desta pesquisa se deu a partir de observação e coleta de dados no âmbito de uma escola pública do município de Sussuapara Piauí, com o intuito de obter uma resposta satisfatória para a seguinte problemática: quais fatores influenciam nos problemas de eficiência do ensino de leitura e produção textual no 9º do ensino fundamental do Ginásio Municipal de Sussuapara?

Diante desta problemática, partimos de dois pressupostos. O primeiro aponta que é de fundamental relevância que os alunos sejam instigados à leitura e à produção textual desde as primeiras séries. O segundo indica que, ao chegarem ao ensino fundamental, os educandos entrem em contato com os diversos tipos de textos que circulam na sociedade, para que comecem a ter noção da importância de aprender para utilizá-los nas diferentes circunstâncias que esses se fazem necessários, pois, conforme Garcez (2004), somente com um contato constante com diversos tipos de textos é que vamos desenvolvendo nossas habilidades como bons leitores e escritores. A partir de atividades textuais na sala de aula, o aluno começará a perceber que existem inúmeros tipos de textos que circulam na sociedade, desde um jornal (norma culta) até uma carta pessoal (forma coloquial), por exemplo, e que para cada um desses gêneros existe uma linguagem específica a ser utilizada.

Visto a problemática, faz-se necessário um conhecimento prévio acerca do tema com o intuito de identificar o que leva os alunos da referida escola a esse afastamento cada vez mais significativo dos textos e práticas textuais, e assim, após um possível diagnóstico das causas, identificar também suas possíveis soluções.

Os alunos, principalmente de ensino fundamental procedentes de escolas de ensino público, têm se mostrado cada vez mais distantes das práticas de leituras e produções textuais na sala de aula. É comum encontramos nesse nível de ensino alunos que não sentem prazer pela leitura, e que não conseguem produzir seus próprios textos da maneira esperada pela maioria dos professores. Visto isso, o desenvolvimento dessa pesquisa foi importante, pois, visa trabalhar com a leitura e produção textual na série final do ensino fundamental, na referida escola, operando como um veículo para demonstrar a importância dessas práticas, para que desde cedo os alunos comecem a buscar cada vez mais expandir seus conhecimentos e assim preparem-se para agir em sociedade por meio da palavra, seja ela oral ou escrita.

O objetivo geral da pesquisa é analisar quais fatores levam à deficiência do ensino de leitura e produção de textos no ensino fundamental, especificamente 9º ano, do Ginásio Municipal de Sussuapara. Para atingir este objetivo, apresentamos uma linha de pensamento embasada por autores como Geraldi (1997), Garcez (2004), Ferreira (1993), dentre outros, que servirá de aporte teórico para pesquisas posteriores. Dessa forma, também será possível analisar como a leitura é trabalhada em sala de aula pelo professor de Língua Portuguesa, examinar como são trabalhadas as produções textuais no ambiente escolar e caracterizar os problemas de ensino relacionados à leitura e produção de texto.

O trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos, antecidos pelo capítulo de introdução e seguidos pelo capítulo de Considerações Finais. Nos dois capítulos seguintes a essa Introdução, há uma discussão acerca do tema, com base em autores que tratam do assunto. É feita uma abordagem sobre os gêneros textuais e sua importância para o ensino, além disso, segue um relato sobre o papel do leitor, do escritor e da sociedade no processo de ensino e aprendizagem da leitura e produção de textos.

O capítulo 4 mostra os métodos utilizados no trabalho, apontando os sujeitos da pesquisa, uma pequena abordagem acerca da escolha do tema e a forma como os dados foram coletados e analisados.

No quinto capítulo serão abordados todos os dados coletados, desde a observação na escola às entrevistas transcritas e analisadas, para que possamos constatar e avaliar a ocorrência de alguns problemas de leitura e escrita na escola escolhida para desenvolvimento da pesquisa.

Nas conclusões serão reportados, de forma resumida, os objetivos alcançados, além de fazer uma pequena reflexão sobre o estudo em questão, apontando sua importância no processo de ensino.

2 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO TEXTUAL

Há algum tempo o ensino de línguas tem adotado uma forma mais concreta e eficiente para a construção do discurso de seus falantes, a de utilizar o texto como seu principal objeto de estudo. Antunes (2009, p.52) afirma que “um programa de ensino de línguas, comprometido com o desenvolvimento comunicativo dos alunos, somente pode ter como eixo o texto”. Isso ocorre porque se pressupõe que unicamente o texto em todos os seus aspectos (os quais serão trabalhados à frente) tem os subsídios necessários para desenvolver a competência comunicativa de cada ser.

Com essa afirmação, fica clara a importância de se trabalhar cada vez mais com textos nas salas de aulas, especialmente nas escolas de modalidade de ensino público, onde há uma extrema necessidade de melhorias na qualidade de ensino, e incentivo à leitura e produção textual.

Para que isso ocorra, a inclusão de gêneros textuais nas aulas de leitura e produção pode ser uma ferramenta muito eficiente, pois, a partir de um contato mais constante com esses tipos de textos, os alunos começarão a se adaptar e a se interessar mais por essas práticas de ensino.

2.1 Os gêneros textuais como ferramenta de ensino

Os gêneros textuais se fazem presente em toda situação comunicativa em que um indivíduo, enquanto integrante social participa. Dionísio, Machado e Bezerra (2010, p. 22) afirmam que “a comunicação verbal só é possível através de algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto”.

Koche, Boff e Marinello (2013, p.11) confirmam essa afirmação falando que “na vida diária, a interação social ocorre por meio de gêneros textuais específicos que o usuário utiliza, disponíveis num acervo de textos constituídos ao longo da história pela prática social”. Ou seja, é no ato de interação social que o ser humano vai adquirindo experiências para a construção do seu discurso.

Mediante isso, Koche, Boff e Marinello (2013, p. 14) dizem que “o papel dos gêneros textuais tem sido reconhecido como fundamental na interação sociocomunicativa e, em vista disso, eles passaram a nortear o ensino da língua,

especialmente o trabalho com análise, interpretação e produção de textos”. Isso ocorre porque conhecer os gêneros se torna indispensável para que o sujeito social saiba se portar linguisticamente em todas as diferentes situações comunicativas das quais participa, identificando e utilizando os tipos de textos conforme a necessidade do momento. A partir dessas afirmações, é evidenciada a importância, e a influência que os gêneros textuais mantêm na linguagem.

A cada dia que passa, surgem mais e mais gêneros, e nas escolas torna-se uma tarefa imprescindível abordar e integrar esses eventos textuais às aulas de Língua Portuguesa, levando em conta que esses textos materializados com características sociocomunicativas podem ajudar a entender melhor a importância da textualidade na condição de falante dos indivíduos, pois, em contato com gêneros diversos, os alunos compreendem que, para cada situação, uma nova forma de comunicação será exigida, um novo texto, um novo gênero.

Os PCN sugerem que o ensino de produção textual, assim como o processo de compreensão dos textos, seja feito a partir dos gêneros textuais, sendo que Dionísio, Machado e Bezerra (2010, p. 34) incitam que “[...] todos os textos se manifestam sempre num ou noutro gênero textual, um maior conhecimento do funcionamento dos gêneros textuais é importante tanto para a produção como para a compreensão”.

Isso ocorre pelo fato de que cada gênero textual possui uma estrutura própria, um público alvo e uma forma diferente de articular o discurso do autor. Sendo assim, esses conhecimentos podem facilitar tanto o momento da leitura e compreensão quanto da escrita.

2.2 As tipologias textuais

Ao se trabalhar com gêneros, é interessante que o professor se atente às tipologias textuais, ou seja, as formas como os textos se apresentam, e desde cedo busque abordá-las na aula, pois isso pode auxiliar os alunos com relação a que estrutura seguir quando uma produção de um determinado gênero for solicitada.

Conforme Koche, Boff e Marinello (2013, p. 19), as tipologias textuais “são ferramentas essenciais a serviço dos gêneros textuais, e seu domínio é fundamental

no trabalho com leitura e produção de textos”. Isso porque as tipologias servem à concretização dos gêneros.

Dentre as principais tipologias utilizadas na escola, temos a descrição, a narração e a dissertação. Com relação a esses três tipos de textos, o que podemos observar é que no ensino fundamental eles não são trabalhados da forma que deveriam. Poucos alunos destas séries reconhecem ou conseguem classificar um texto pela sua estrutura.

Muitos professores sabem a importância de se trabalhar diferentes tipos de textos na sala de aula, mas, apesar disso, a leitura e a produção textual, especificamente no ensino fundamental II da rede pública de ensino, tem sido uma tarefa árdua para alguns professores, assim como essa aprendizagem também tem sido complicada para muitos alunos.

2.3 A relação entre autor, leitor e sociedade.

Para se trabalhar com a leitura, assim como a escrita, é necessário um conhecimento acerca do que de fato são essas práticas, e de que modo elas contribuem beneficentemente na vida social dos estudantes, assim como é indispensável que estes alunos entendam o papel que representam enquanto falantes de uma sociedade, na qual seu principal meio de intervenção será o texto, que necessita ser trabalhado em todos os seus aspectos.

Antunes (2009) aponta que o trabalho com a escrita ainda é bastante falho nas escolas, acontecendo na maioria das vezes de forma mecânica e periférica, centrada em habilidades motoras, puramente gramaticais, perdendo o foco principal do ensino, que deveria prezar o desenvolvimento social comunicativo do aluno e não uma escrita artificial e inexpressiva, como vem acontecendo.

Ao iniciar um trabalho que trate dos textos escritos, é necessário estar atento ao fato de que um texto não pode ser visto como uma mera sequência de frases independentes, que podem ser feitas de qualquer jeito com finalidades gramaticais. Antunes (2009, p. 77) aponta que:

Um texto não se faz de qualquer jeito; mas é regulado por um conjunto de propriedades, as quais constituem uma rede de relações, ou seja, assumem um caráter inteiramente relacional, de modo que a aplicação de qualquer uma delas revela-se dependente da aplicação das outras do conjunto.

Para que uma produção de textos seja satisfatória, ela deve seguir um conjunto de normas que se entrelaçam e tornam-se assim dependentes e ao mesmo tempo ocasionadoras de novos princípios a serem seguidos. Isso varia desde elementos sintáticos, que tratarão da estruturação das frases que compõem o texto, até os elementos semânticos que proporcionarão o sentido, um significado importante para aquilo que está sendo escrito.

A produção textual não pode ser vista como algo individual e/ou independente, visto que se dá num processo de interação entre autor-leitor. Quando pensamos em produzir um texto, devemos sempre considerar que estamos fazendo o uso da palavra para nos expressarmos para alguém. Segundo Antunes (2003, p. 45),

A atividade da escrita é, então, uma atividade interativa de expressão, (ex-, “para fora”), de manifestação verbal das ideias, informações, crenças ou dos sentimentos que queremos partilhar com alguém, para, de algum modo, interagir com ele.

Apesar de o momento da redação do texto propriamente dita ser individual, existirá do outro lado um receptor, cuja ausência faria com que o exercício da linguagem não se concretizasse. Isso porque, se não houvesse alguém a quem os textos são direcionados, não haveria necessidade da escrita. Antunes (2003, p. 46) aponta que:

[...] a escrita, pelo fato de não requerer a presença simultânea dos interlocutores em interação, não deixa de ser um exercício da faculdade da linguagem. Como tal, existe para servir à comunicação entre sujeitos, os quais, cooperativa e mutuamente, se ajustam e se condicionam.

Ou seja, a escrita exerce um caráter comunicativo, em que o interlocutor indiretamente trabalha em conjunto com o escritor. Enquanto o primeiro trabalha a parte escrita, para transmitir sua mensagem, o outro é responsável por recebê-la, analisá-la e mostrar se o texto cumpriu sua proposta.

O ensino de produção textual deve acontecer de forma dinâmica, já que os textos que serão produzidos necessitam serem lidos e trabalhados de forma

coletiva. Não adianta escrever sem uma finalidade de leitura específica, sem um público-receptor não há interesse por escrever. Bakhtin (1997, p.113) afirma:

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato que procede de alguém como pelo fato de que se dirige para alguém. [...] A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

A partir daí vem a necessidade de explicar para os alunos, enquanto produtores textuais, a importância de pensar nessa relação entre quem escreve e quem lê o seu texto, pensando no destinatário como um parâmetro que serve para mediar aquilo que deve ser escrito, para que assim sua produção seja satisfatória ao público alvo, e a interação de fato aconteça.

2.4 Propriedades da produção textual

Conforme Antunes (2009), dentre as muitas propriedades de um texto, duas estão muito ligadas a essa aproximação com os interlocutores, e são de extrema importância, devendo ser levadas em consideração no ato de estudo da escrita: a intencionalidade e a aceitabilidade. Segundo a autora (2009, p. 75-76), essas propriedades podem ser conceituadas como:

O sentido da intencionalidade, [...] refere-se à predisposição do falante para comportar-se eficientemente em sua atividade verbal, ou seja, para apenas dizer coisas que têm sentido – em passagens coesas e coerentes – e que, sejam, portanto, interpretáveis. [...] Por outro lado, a aceitabilidade corresponde à outra face da moeda: a também predisposição do parceiro para apreender, calcular, captar os sentidos do que é dito pelo outro.

Partindo dessa conceituação sobre o que são essas propriedades, faz-se necessário uma abordagem para uma melhor compreensão sobre sua relação com os textos.

2.4.1 Intencionalidade e aceitabilidade

Levando em conta que uma atividade verbal é uma atividade necessariamente textual, na escrita acontece o mesmo: tem que haver a intencionalidade, as metas a serem traçadas e alcançadas pelo escritor, assim como o momento mais importante que é o da aceitação, o da descoberta se aquilo que ele produziu teve o impacto desejado nos seus leitores, se foi interpretado da maneira que deveria.

Para Marcuschi (2008, p. 127), “com base na intencionalidade, costuma-se dizer que um ato de fala, um enunciado, um texto são produzidos com um objetivo, uma finalidade que deve ser captada pelo leitor”. Trabalhar essa questão enquanto busca-se preparar o aluno para suas produções é importante, pois o ajuda a compreender que deve ser cauteloso no momento da escrita para que o leitor possa captar sua intenção, mesmo que isso na maioria das vezes não ocorra de maneira precisa.

Sobre a aceitabilidade, Marcuschi (2008, p. 127-128) frisa que:

A aceitabilidade diz respeito à atitude do receptor do texto (é um critério centrado no alocutário), que recebe o texto como uma configuração aceitável, tendo-o como coerente e coeso, ou seja, interpretável e significativo.

A forma como o texto afetará o interlocutor será o fator determinante para saber se a intencionalidade do autor foi de fato concretizada, se a forma como ele planejou transmitir a sua mensagem teve eficácia e se houve a aceitação (se foi relevante) para o leitor.

2.4.2 Consistência e relevância

Além das propriedades anteriormente mencionadas, existem outras duas que são interessantes e merecem serem abordadas: a consistência e a relevância daquilo que está sendo escrito. Correa (2009, p. 75) diz que “não lemos ou ouvimos textos que não sejam relevantes para nossas vidas, porém, para que haja relevância, é necessário que os dados ali presentes sejam considerados verdadeiros”.

Um produtor de textos tem que ter consciência de que aquilo que está sendo escrito deve conter informações que irão ampliar os conhecimentos daqueles que

buscam essa leitura. Dependendo do tipo de produção que esteja sendo trabalhada, o ideal é que o professor especifique a importância da autenticidade dos conteúdos descritos. Vale lembrar que existem exceções para estas propriedades, pois existem textos como os ficcionais, por exemplo, que não necessitam de verdades absolutas.

Uma alternativa para se trabalhar com a consistência e relevância dos textos é fazer uma análise, juntamente com os próprios alunos, dos textos que muitos estão habituados a ler, como por exemplo, aqueles encontrados na internet, onde circulam muitos tipos de gêneros textuais, como notícias, charges, dentre outros, que nem sempre contêm informações verídicas.

Se trabalharmos com as notícias falsas que constantemente caem na rede, e rapidamente se espalham causando impactos negativos nas pessoas, os alunos podem começar a perceber as consequências que esses textos com informações falsas podem trazer, e assim vai se evidenciando a necessidade de pensarem muito bem naquilo que irão escrever.

2.5 Elementos gramaticais indispensáveis no texto

Conhecimentos gramaticais, apesar de não serem o fator mais relevante da produção textual, também têm sua contribuição e devem ser trabalhados da maneira correta, afinal de contas, um texto, para cumprir seu papel comunicativo com o interlocutor, deve seguir alguns padrões linguísticos, como por exemplo, os mecanismos linguísticos de coerência e coesão textual, que irão assegurar que o texto possa ser compreendido por aqueles que farão sua leitura. Antunes (2009, p. 80):

Do lado do interlocutor que toma a palavra [...] existe, em princípio a predisposição de que sua construção linguística seja coesa e coerente e, enquanto tal, possibilite a expressão dos sentidos e das intenções previstos. Ou seja, qualquer interlocutor em interação se dispõe a dizer, apenas coisas que fazem algum sentido, isto é, coisas interpretáveis, que sejam, conforme o contexto de atuação, coesas e coerentes.

Coesão e coerência são elementos indispensáveis ao texto, visto que tratam de toda a parte estética, como a estruturação dos termos, que garante nexos entre frases ou orações, e também tratam de assegurar as relações de sentido entre todas

as ideias, a fim de evitar fugas ao tema. São, portanto, mecanismos fundamentais para que haja uma boa redação.

A coesão textual trabalha com a estruturação dos elementos textuais da produção, ou seja, trata das relações semânticas e gramaticais, que se interligam para ajudar na obtenção de sentidos. Koch (2000) considera a coesão um elemento superficial, cuja presença não garante a construção textual e sua ausência não impede também que um texto seja escrito. A autora (2000, p. 21) define coesão como “o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências vinculadoras de sentidos”.

Já a coerência é o que dá o sentido para o texto, que o torna interpretável, compreensível. Koch (2014, p. 21) fala que coerência pode ser vista como um “princípio de interpretabilidade, ligada a inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem de calcular o sentido deste texto”. Ou seja, a coerência assegura a compreensão de tudo aquilo que foi escrito por parte do leitor e sua ausência impossibilita uma boa interpretação, por não permitir que o receptor cumpra o seu papel frente ao texto.

Conforme Marcuschi (2008, p. 121)

A coerência é, sobretudo, uma relação de sentido que se manifesta entre os enunciados, em geral de maneira global e não localizada. Na verdade, a coerência providencia a continuidade de sentido no texto e a ligação dos próprios tópicos discursivos.

Ou seja, a coerência trata da relação de sentidos que se estabelecem de várias maneiras dentro do texto, onde todos os tópicos discursivos devem estar de acordo com tema em questão para que se alcance a proposta geral do autor. Isso faz com que o texto não perca o seu objetivo e não seja apenas uma ligação de frases sem nexos que não cumpre sua função comunicativa.

3 O ENSINO DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

Para se trabalhar com o ensino de Leitura e Produção de textos no nono ano do Ensino Fundamental, deve-se levar em conta muitos aspectos que cercam este alunado, começando pelo fato de ser o momento em que os jovens estão entrando na vida adolescente, e isso implica mudanças biológicas e comportamentais. Conforme os PCN, é nesse momento que eles estão assumindo uma nova identidade, buscando sua própria autonomia e isso reflete tanto na sua linguagem, quanto na forma de enxergar o mundo.

Neste momento eles querem partilhar suas próprias experiências de vida, seus desejos, sua maneira de enxergar o mundo, e o professor deve saber conciliar isso com as aulas, principalmente de leituras e produções, dando liberdade para que ele mostre seus interesses e ao mesmo tempo seus próprios conhecimentos.

Dessa maneira, os PCN (BRASIL, 1998, p. 47) dizem:

No caso do ensino de Língua Portuguesa, considerar a condição afetiva, cognitiva e social do adolescente implica colocar a possibilidade de um fazer reflexivo, em que não apenas se opera concretamente com a linguagem, mas também se busca construir um saber sobre a língua e a linguagem e sobre os modos como as opiniões, valores e saberes são veiculados nos discursos orais e escritos.

Nesse contexto, o professor deve levar os alunos a uma reflexão de como a sociedade e seus conhecimentos de mundo refletem na constituição da língua e conseqüentemente da linguagem, além de guiá-los na aquisição de novos conhecimentos e possibilidades que facilitem e melhorem seu discurso.

No que diz respeito ao ensino de leitura e produção textual, também é importante que os professores, especialmente os de Língua Portuguesa, juntamente com toda a gestão escolar, tenham consciência do seu dever frente a estes objetivos, que, conforme os PCN, é “formar escritores competentes capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes [...]” (BRASIL, 1998, p. 51).

Os PCN ainda apontam que “é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam” (BRASIL, 1998, p. 53). Afinal, somente com uma boa proposta e com material de qualidade selecionado por profissionais familiarizados com o assunto é que os alunos poderão aprender de fato a ler.

Com relação à leitura, nesta série os alunos já devem ter consciência da sua importância, além de serem instigados a buscar, de maneira autônoma, suas próprias leituras. Além disso, eles devem ter conhecimentos suficientes para separar aquilo que é relevante conforme seu interesse ou própria necessidade.

Para os PCN (1998, p. 50-51), é fundamental que o aluno dessa modalidade de ensino:

Saiba selecionar textos segundo seu interesse e necessidade; leia, de maneira autônoma, textos de gêneros e temas com os quais tenha construído familiaridade; seja receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, por meio de leituras desafiadoras para sua condição atual, apoiando-se em marcas formais do próprio texto ou em orientações oferecidas pelo professor; troque impressões com outros leitores a respeito dos textos lidos, posicionando-se diante da crítica, tanto a partir do próprio texto como de sua prática enquanto leitor; compreenda a leitura em suas diferentes dimensões.

Os professores devem fazer desses os seus próprios objetivos de ensino, visando cada vez mais chegarem a um ensino gratificante, com qualidade e com maiores quantidades de alunos interessados por essa prática.

Sobre a produção de textos escritos, os PCN (1998, p. 58) dizem que os alunos devem ser preparados para fazer:

Redação de textos considerando suas condições de produção: finalidade; especificidade do gênero; lugares preferenciais de circulação; interlocutor eleito [...] utilização de procedimentos diferenciados para a elaboração do texto: estabelecimento de tema; levantamento de ideias e dados; planejamento; rascunho; revisão (com intervenção do professor); versão final. Utilização de mecanismos discursivos e linguísticos de coerência e coesão textuais, conforme o gênero e os propósitos do texto, desenvolvendo diferentes critérios [...].

Enquanto a escola, juntamente com os professores de Língua Portuguesa, não buscar maneiras de desenvolver essas características nesses sujeitos, as produções continuarão a serem insatisfatórias para os professores, e ao mesmo tempo difíceis para os alunos.

3.1 A importância da leitura para uma boa produção textual

Dentre os problemas existentes em relação à produção textual na sala de aula, a falta de leitura é um dos fatores que mais implicam nesta problematização, pois, conforme Garcez (2004, p. 7), “escrever bem é o resultado de um percurso constituído de muita prática, muita reflexão e principalmente muita leitura”, o que ainda não é tão perceptível no âmbito escolar.

Antunes (2009) incita que a leitura deve ser compreendida como a complementação da escrita, sendo assim muito mais do que a decodificação dos sinais gráficos expressos do texto. Palavras, símbolos, sinais são importantes para conduzir o leitor à interpretação, mas não devem ser vistos como os fatores mais relevantes. Antunes (2009, p. 67) afirma que:

A atividade da leitura completa a atividade da produção escrita. É, por isso, uma atividade de interação entre sujeitos e supõe muito mais que a simples decodificação dos sinais gráficos. O leitor, como um dos sujeitos da interação, atua participativamente, buscando recuperar, buscando interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidos pelo autor.

No momento da leitura do texto, a finalidade do receptor não é exclusivamente a de decifrar os códigos, os sinais gráficos, a escrita do texto em si. Ele precisa ir além, decifrar as ideias do escritor, buscando recuperar o pensamento do mesmo, para assim compreender suas intenções, satisfazer sua necessidade e desempenhar bem seu papel de interlocutor.

No ato de redigir textos, o leitor tem tanta importância e é tão influente quanto o próprio escritor, afinal de contas, como já foi mencionado, a interação entre ambas as partes é o que garantirá a funcionalidade do gênero textual perante a sociedade, e o leitor será o que norteará o processo de escrita do autor. Daí a importância do aprender a ler, do conhecimento explícito do que é de verdade o ato da leitura para que assim a produção alcance o resultado almejado.

É interessante mencionar que o ato de executar a leitura não se prende apenas ao momento em que tomamos às mãos livros ou textos. Devemos entender que através dos conhecimentos de mundo adquiridos com nossas experiências de vida é que nos tornamos capazes de compreender melhor o sentido daquilo que lemos, além do que, mediante o constante hábito de ler, somos capazes de uma melhor interpretação daquilo que está ao nosso redor. Freire (1989, p. 08) aponta que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

É quase impossível que um mau leitor consiga produzir textos coerentes, sem o conhecimento prévio que é adquirido por meio da prática de leitura, impossibilitando-o assim de realizar uma leitura de mundo e de tornar-se um ser crítico-reflexivo.

Conforme Garcez, (2004, p. 7) “é pela convivência de textos escritos de diversos gêneros que vamos incorporando nossas habilidades num efetivo conhecimento da escrita”. Ou seja, somente na convivência com vários tipos de gêneros textuais é que o leitor consegue adquirir conhecimentos e experiências para diferenciar os tipos de texto, bem como melhorar suas próprias produções.

3.2 Características de uma boa produção textual

A escrita pode ser vista como a concretização do pensamento (subjetividade) de cada ser, mas para que uma boa produção aconteça é imprescindível esforço e muita prática. A partir daí se faz necessária uma motivação cada vez maior por parte dos professores e também daqueles que fazem parte do ambiente doméstico de cada aluno, incentivando e levando a conscientização da importância dessas práticas, muitas vezes encaradas pelos alunos como um mito ou dom divino. Segundo Garcez (2004, p. 3),

Muitas pessoas acreditam que aqueles que redigem com desenvoltura executam essa tarefa como quem respira, sem a menor dificuldade, sem o menor esforço. Não é assim. Escrever é uma das atividades mais complexas que o ser humano pode realizar. Faz rigorosa exigência à memória e ao raciocínio.

Para se produzir bons textos é necessário que o interlocutor esteja preparado para encarar a dificuldade de articular as ideias, a fim de transpor com eficácia tudo isso para a forma escrita, lembrando que isso exigirá muito raciocínio, dentre outras habilidades de exigência da memória. No entanto, o que não pode acontecer é o

aluno se afastar dessa prática por medo da sua complexidade. Nesse caso, entra o papel do professor em prepará-lo e ajudá-lo a desenvolver suas habilidades de escritor, afinal, todos com esforço podem chegar a escrever.

Todo o processo da produção textual é importante e deve ser muito bem trabalhado com os alunos, desde o que foi planejado (tema) até o resultado obtido do texto escrito, seja ele o esperado ou não. Citelli (2012, p. 22) diz:

[...] o processo de criação de textos deve estar assentado em passos muito bem definidos pelo professor. Tanto no circuito da educação formal como da informal, o trabalho com redação tem de levar em conta a existência de fases integradas que possuam objetivos a serem alcançados e formas de avaliação que permitam verificar a realização ou não dos objetivos em causa.

O professor tem que estar atento a tudo que integra essa tarefa árdua da produção e, juntamente com o aluno, reescrever o texto, se for o caso, na tentativa de auxiliá-lo a chegar a um bom resultado.

3.3 A correção dos textos na sala de aula

Um dos momentos que pode ser considerado de extrema importância no processo de produção textual é a correção do texto na sala de aula, que deve ser um processo muito bem executado pelo profissional da educação, já que será assim que o aluno perceberá o porquê de não alcançar os objetivos propostos. Esse momento deve ir muito além do apontar os erros, o correto é que haja a reescrita do texto com todo o auxílio necessário para se chegar aos resultados desejados.

Citelli (2012, p. 50), aponta que “é necessário observar que o processo da reescrita, nascido do permanente jogo interlocutivo, permite uma sensível melhora na qualidade dos textos, diminuindo o uso de clichês, chavões e impropriedades linguísticas”. Somente com a correção é que o escritor poderá selecionar aquilo que foi útil daquilo que não foi, buscando uma reescrita a fim de melhorar o seu texto. Nessa parte da produção é que eles começam a se preocupar com a escrita, como por exemplo, termos inadequados, redundâncias, erros gramaticais, dentre outros.

3.4 Praticando a leitura com significados para uma boa produção

Podemos perceber que a leitura com significados não é comumente empregado em sala de aula, principalmente no ensino fundamental II. Quando algum professor utiliza a leitura como prática de ensino, o faz de forma não satisfatória, os alunos não são instigados a fazer uma interpretação daquilo que leem, e por isso acabam não adquirindo conhecimentos suficientes para suas próprias produções textuais. Conforme Garcez (2004, p. 110):

Um texto não é uma simples justaposição de frases corretas, uma após a outra. Exige um entrelaçamento rigoroso das ideias que estão sendo expostas para que o leitor não se perca e consiga interpretá-lo corretamente.

Evidencia-se mais uma vez que, para o aluno começar a produzir textos dotados de sentido, é necessário que ele tenha conhecimento de que cada produção é muito mais do que uma sequência de frases, é um entrelaçamento de ideias, que trará informações a quem lê, e, portanto, é imprescindível que o texto seja escrito de maneira que o leitor possa interpretá-lo.

É tarefa do professor traçar desígnios para a leitura, conduzindo os alunos ao verdadeiro sentido daquilo que leem, pois cada texto tem um objetivo específico, traz uma ideia, um conteúdo, algo importante a ser descoberto. Segundo Geraldi (1997, p. 122), “A leitura sem qualquer objetivo para o leitor destrói textos e autores”. Por isso, não basta apenas olhar as palavras e perceber que estão escritas e interligadas corretamente. O aluno precisa ser orientado a interpretar aquilo que lê. Do contrário, a leitura não terá proveito.

Geraldi (1997) aponta que para estimular o aluno à leitura é recomendável começar com leituras mais curtas, de preferência que despertem a curiosidade neles, como os contos, por exemplo, que são de fácil compreensão, e a partir daí já ir trabalhando também a produção de textos. A partir do momento em que os alunos estiverem familiarizados com esses gêneros, é aconselhável seguir nos textos mais longos, como os romances.

Um erro comum cometido pelos docentes no momento em que solicitam que os alunos produzam um texto, segundo Geraldi (2006), é o fato de prezarem mais pelos conhecimentos gramaticais do aluno, atribuindo notas mais pela ortografia, ou pela utilização da norma culta, do que pelo conteúdo apresentado. Na maioria das vezes, o aluno não tem autoridade nem para decidir sobre o que quer escrever. Para Geraldi (2006, p. 120),

Na situação escolar o aluno é obrigado a escrever dentro de certos padrões previamente estipulados e, além disso, seu texto será julgado. Consciente disso, o estudante procurará escrever a partir do que acredita que o professor gostará.

O professor, principalmente de ensino fundamental II, deve ser flexível quanto à escolha do tema sobre o qual o aluno deve escrever, pois, no momento em que impõe um conteúdo a ser escrito, ele priva o aluno de mostrar seus próprios conhecimentos e vivências de mundo, e isso pode desestimulá-los.

Para Geraldi (2006, p. 25), “a produção de textos na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem para o professor (único leitor quando lê os textos). A situação da língua é, pois, artificial”. Isso não implica dizer que posteriormente não haverá momentos onde o professor deverá ser mais rígido quanto a essa escolha dos conteúdos abordados na produção, no entanto, impor não pode ser regra no ensino, principalmente nessa série onde os alunos ainda estão adquirindo experiência e conhecimentos para assim tornarem-se pessoas mais críticas.

Geraldi (2006) ainda faz menção aos textos que para ele são corriqueiros e cansativos, que costumam serem os únicos solicitados pelos professores durante todo o ano letivo: redação sobre férias, carta de dia das mães, ou pequenos textos juninos que cansativamente são repetidos ano após ano e de nada contribuem para uma boa prática de produção.

Para ele, o professor deve dispor de estratégias para acrescentar novos tipos de textos mais relevantes, que chamem a atenção dos alunos, para que estes não se habituem somente a esses tipos de produção e futuramente venham a sentir dificuldades nos textos que começarão a fazer nas séries mais avançadas.

No caso das aulas de gramática do ensino fundamental II, o professor poderia utilizar os próprios textos produzidos pelos alunos para trabalhar vários aspectos importantes que fazem parte do ensino de Língua Portuguesa, desde aspectos sintáticos, morfológicos, semânticos e ortográficos. Com isso essas aulas, que para os alunos são tão entediantes, poderiam se tornar mais interessantes.

Para que os alunos se interessem mais pela leitura e pela produção textual, é preciso que eles estejam cientes de que essas duas atividades são os subsídios mais importantes para a construção dos textos, que serão suas ferramentas de

intervenção no mundo. É através de leituras significativas que os sujeitos construirão seu discurso e se tornarão capazes de interagir, manifestar, indagar e melhorar seu convívio social. Conforme Chiappini (2001, p. 22),

Ao promover a interação entre os indivíduos, a leitura compreendida não só como leitura da palavra, mas também como leitura do mundo, deve ser atividade constitutiva de sujeitos capazes de interagir com o mundo e nele atuar como cidadãos.

É fundamental que a leitura de mundo, por se tratar dos conhecimentos cognitivos dos sujeitos integrantes da sociedade, seja trabalhada na escola. Isso porque é fora dos muros escolares que eles entram em contato com sua realidade contextual, e por isso devem ser preparados para atuar no seu ambiente, relacionando-se com os demais sujeitos que o cercam.

Geraldi (1997) também aponta cinco fatores importantes, pelos quais os alunos deverão se nortear no momento da sua produção textual. Essas ações devem ser expostas pelos professores, uma vez que são eles facilitadores no processo de ensino-aprendizagem. Conforme Geraldi (1997, p. 32),

Cinco ações indissociadas da prática de produção textual, a saber a) ter o que dizer; b) ter motivos para dizer o que se tem a dizer; c) ter um interlocutor; d) construir-se como locutor enquanto sujeito que diz, o que diz, para quem diz; e e) e escolher as estratégias para realizar o que dizer, os motivos, o interlocutor e o próprio posicionamento como locutor.

Trata-se de uma forma de preparar os alunos para a produção textual, começando por escolher algo (tema) a ser trabalhado, evidenciando os motivos pela qual determinado conteúdo foi escolhido, possuir um público a quem se destina o texto, agir como sujeito que toma a palavra para si, e desenvolver criatividade e criticidade para agir como locutor.

Outro fator que tem impedido o uso da produção textual em sala de aula deve-se ao fato de os alunos sentirem dificuldades no momento de transcrever para o papel aquilo que pensam, por medo de errar na escrita ou de não conseguirem colocar no seu texto aquilo que são capazes de exprimir oralmente. Para Ferreira (1993, p. 18),

Grande inibição que os jovens e adultos [...] apresentam com respeito à língua escrita: evitam escrever, tanto por medo de cometer erros de ortografia como pela dificuldade de dizer por escrito o que são capazes de dizer oralmente.

Ou seja, por já estarem acostumados e se sentirem mais seguros expressando-se oralmente, onde não haverá tanta preocupação com normas e preceitos, os alunos optam por manifestar-se através da fala e dizem sentir dificuldades para formular bem seu discurso no momento de escrever.

Tendo em vista tudo que foi mencionado no que diz respeito à leitura e produção textual, é possível perceber que estes atos envolvem muito mais do que um simples texto. Produção textual é uma articulação do discurso, são vozes materializadas, atos humanos, enfim, uma leitura de mundo. É a concretização do discurso para agir em sociedade, e essa produção abrange todo um processo, desde a elaboração (planejamento da escrita) até a sua efetivação completa, (leitura e impacto social) para a construção de um gênero discursivo, conforme Paraná (2008).

Já a leitura é imprescindível para a aquisição de conhecimentos, é a forma de conhecer o novo, de viajar no tempo e espaço. É através desta prática que adquirimos criticidade e informações importantes para utilizarmos nos nossos próprios textos. Ainda podemos perceber que ela está presente em toda parte, e que somente com um convívio constante com a leitura é que se pode chegar a um patamar de leitor-modelo, capaz de questionar, refletir e analisar bem qualquer texto.

Conclui-se então que as práticas de leitura e produção textual são os meios pelo qual o indivíduo (aluno) desenvolve seu senso crítico-reflexivo, daí a importância da sua prática desde as séries iniciais, percorrendo por toda a vida escolar, sendo o professor o instrumento de viabilização dessa prática. Contudo, não só o professor e o aluno são responsáveis por essa ação, mas toda a gestão escolar e família de cada aluno no que diz respeito à elaboração de projetos que auxiliem o professor nessa tarefa árdua, que é formar cidadãos críticos a partir da leitura, e capazes de intervir na sociedade pela escrita.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Sujeitos da pesquisa

A pesquisa trata de implicações do ensino de leitura e produção textual na série final do ensino fundamental, ou seja, 9º ano. Para sujeitos da pesquisa foram escolhidos alunos e professores de uma escola municipal da cidade de Sussuapara – PI, a fim de uma investigação sobre como o ensino de leitura e produção de textos vem sendo trabalhado na sala de aula nessa série.

A escola em questão fornece um ensino de 6º a 9º ano e possui uma demanda grande de alunos, a maioria proveniente de família de classe média baixa, com faixa etária entre 10 e 18 anos. As duas turmas escolhidas para a pesquisa possuem 30 e 26 alunos.

A finalidade da pesquisa é detectar que problemas no ensino da leitura e da produção textual são mais relevantes para os professores, assim como na aprendizagem para os alunos, numa série onde essas práticas de ensino já deveriam ser trabalhadas com uma facilidade maior, e num grau de dificuldade um pouco mais elevado do que pôde ser observado.

Dessa forma, o principal alvo da pesquisa é a relação aluno-docente na tentativa de se chegar a uma conclusão do que está gerando problemas que dificultam o trabalho com esses aspectos tão relevantes para o ensino.

4.2 A escolha do tema

O ensino de leitura e produção textual vem sendo uma tarefa um pouco complicada para alguns professores, principalmente para os profissionais da escola que foi escolhida para concretização da pesquisa.

Muitos dos alunos reclamam que a culpa de não aprenderem está exclusivamente no professor, enquanto este, por sua vez, acredita que o fato de os alunos sofrerem dificuldades neste tipo de aprendizagem se dá por falta de interesse do próprio educando.

A partir dessas afirmações pouco claras acima citadas, surgiu o interesse para que possamos descobrir o que realmente acontece na escola durante as aulas de leitura e produção de texto que causa esse confronto entre professor e aluno,

bem como investigar os reais motivos de um ensino ainda deficiente dessas práticas fundamentais para a vida dos discentes.

4.3 Coleta de dados

Foi realizada uma pesquisa de campo no Ginásio Municipal de Sussuapara, durante os meses de maio e junho de 2014. Através da observação nas aulas de leitura e produção de textos, foi feita uma análise da postura do professor com relação à importância da leitura e da produção de textos para o ensino desse alunado, além de analisar se a metodologia dessas aulas estava condizente com aquilo que é necessário para se chegar a um ensino eficiente sobre o tema em questão.

Posteriormente à observação, também foram realizadas entrevistas com dois professores e seis alunos, no entanto, por um problema técnico com o aparelho de gravação, apenas quatro destas últimas entrevistas puderam ser transcritas. Com isso, pudemos analisar a opinião dos mesmos sobre a leitura e produção textual nas aulas de português, visando compreender muitas das causas que levam estes a um afastamento significativo destas práticas no ambiente escolar.

A quantidade de entrevistas se fizeram suficientes para a proposta do trabalho, já que o principal objetivo é apenas retratar os problemas mais constantes no momento das aulas voltadas para as atividades de leitura e escrita.

As entrevistas com os alunos e professores foram feitas a partir de questionários respondidos oralmente, em nível informal e individual, para que os entrevistados se sentissem seguros ao se expressar.

Para o armazenamento das entrevistas (falas) foi utilizado um aparelho de gravação (celular). Logo após foram feitas as transcrições destas entrevistas para uma melhor análise e comparação das respostas.

Para esta pesquisa também foram utilizadas fontes bibliográficas que tratam dessas questões e ajudam a compreender melhor por que os professores ainda enfrentam tantos problemas ao trabalhar com textos (leitura e escrita) e como agir mediante esta situação. Dentre os autores trabalhados, podemos citar Geraldi (2003), Garcez (2004), Koch (2000), Freire (1989), Marcuschi (2008), entre outros.

Além disso, também foram feitas pesquisas na internet em sites que tratam de educação, produções de textos e incentivo à leitura.

Para as entrevistas foram escolhidas as seguintes questões para os alunos:

- 1) Você gosta de leitura e acha ela importante?
- 2) Quais os tipos de livro que você gosta de ler? E a escola dispõe desses livros?
- 3) Com que frequência a professora costuma trabalhar a leitura com vocês?
- 4) A professora deixa que vocês escolham que leituras querem fazer?
- 5) O que você gostaria que fosse feito na sala de aula ou na escola para que as aulas de leituras sejam mais interessantes?
- 6) Você gosta de produzir seus próprios textos?
- 7) A professora costuma trabalhar a produção de textos com frequência na sala de aula?
- 8) O que você acha que pode ser feito na sala de aula ou na escola para que haja um maior interesse por parte de vocês na escrita?

Com essas perguntas, foi possível chegar a uma conclusão sobre o que os alunos pensam sobre a leitura e a produção de textos, assim como confirmar se eles gostam de ler e escrever e que tipos de textos eles preferem e gostariam que fossem levados para a aula.

Além disso, foi possível detectar algumas das falhas do próprio professor no momento de ensinar, que dificultam o interesse dos alunos que dizem não se sentirem atraídos pelos textos ou pelas aulas que visam seu ensino.

Para os professores as perguntas foram:

- 1) O que é a leitura para você?
- 2) Como você costuma trabalhar a leitura com os alunos do 9º ano?
- 3) Os alunos correspondem bem à metodologia utilizada na sala para trabalhar a leitura?
- 4) O que você costuma fazer para integrar aqueles alunos que não se interessam pela leitura nessas aulas?
- 5) O que você acha que poderia ser feito na escola, ou na própria sala de aula para que os alunos passem a se interessar mais pela leitura?
- 6) Como você caracteriza a produção textual na sala de aula para esse alunado?

- 7) Você acha que as aulas destinadas a essa prática (produção) são suficientes para que os alunos comecem a fazer boas produções textuais?

Esses questionamentos foram escolhidos para avaliar os conhecimentos do professor em relação ao ensino com os textos (leitura e produção), assim como analisar sua metodologia de ensino, suas dificuldades no ato de ensinar, o que ele faz para integrar todos os alunos destas turmas nessas aulas, sua satisfação com sua própria metodologia de ensino, e por fim sua opinião sobre o que leva os alunos a não ler ou escrever os textos trabalhados nas aulas.

Nas análises dos dados que se segue não haverá uma transcrição exata das falas dos entrevistados, pois foram feitas adaptações para uma aproximação da linguagem formal.

5 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 A observação na sala de aula

A primeira etapa da pesquisa se deu nas salas de aulas de duas turmas do ensino fundamental da escola. Na primeira turma, à qual chamaremos de 9º ano A, pudemos observar que as aulas de leitura acontecem com frequência (aproximadamente uma vez por semana), embora não seja uma aula agradável para todos. Pode-se dizer até que uma parcela muito pequena da turma se sentia atraída a ler os textos solicitados pela professora.

Os textos que eles leem em sala de aula estão sempre contidos no livro didático utilizado na escola e a leitura é um momento pouco dinâmico, no qual os alunos começam fazendo uma leitura silenciosa, passando para uma leitura oral em grupo e terminando com alguns exercícios de interpretação contidos no livro. Logo após essa “aula de leitura”, os alunos passam diretamente para o estudo da gramática, e somente alguns dias depois retomam a leitura, da mesma forma de sempre. O esquema dessas aulas segue a mesma rotina até o final do ano, segundo informações dadas pelos alunos.

Já em relação à produção textual, pudemos observar que ela não é trabalhada com frequência, já que, durante o período de observação, não houve nenhuma aula voltada para essa prática. Além disso, segundo alguns dos alunos entrevistados, durante esse ano a professora de Língua Portuguesa ainda não havia solicitado que eles escrevessem nenhum texto.

Na segunda turma observada, que podemos chamar de 9º ano B, a professora segue a mesma metodologia: algumas aulas voltadas para a leitura silenciosa, seguida da leitura oral, finalizando com uma atividade de interpretação. Pouca ou nenhuma produção de textos é trabalhada na aula.

5.2 Analisando as entrevistas

Na segunda etapa da pesquisa foram feitas entrevistas de forma oral e individual em nível informal com quatro alunos das turmas observadas e também com duas professoras de Língua Portuguesa.

Primeiramente serão apresentadas as transcrições das entrevistas feitas com os alunos. Logo após serão apresentadas transcrições das falas das professoras

entrevistadas. Abaixo de cada uma destas entrevistas serão feitos comentários por parte do pesquisador.

5.2.1 A visão dos alunos sobre as aulas de leitura e produção de texto

A seguir, serão expostas cada uma das perguntas, com as respectivas respostas de cada um dos alunos.

Para a primeira pergunta, “Você gosta de ler? E você acha a leitura importante?”, a aluna A mostrou que tem consciência da importância de se criar um hábito de leitura para uma boa escrita. Segundo ela, *somente com uma rotina de leitura é que os alunos vão adquirindo informações importantes como acentuação e pontuação* (aspectos gramaticais que estão presentes e podem ser trabalhados nos textos) *que ajudarão nos seus próprios textos*. Porém, conforme a própria aluna disse, *são poucos os alunos desta turma que gostam de ler*.

Já o aluno B, ao responder a mesma pergunta, disse que *gosta de leitura, e que sabe que a leitura é um fator primordial para a aquisição de conhecimento, embora ele fique triste em perceber como são poucos os alunos dessa turma que se interessam pela leitura*.

O aluno C disse que *não gosta de leitura, embora saiba que esta é muito importante para a vida de qualquer aluno, principalmente aqueles que querem passar de ano na escola*.

O aluno D afirmou *não gostar muito da leitura, e que como ele, há muitos alunos na turma que costumam frequentar a aula mais por obrigação e/ou insistência dos pais do que por desejo próprio de estar ali*.

Com essa pergunta, ficou claro que os alunos reconhecem a importância de se trabalhar com a leitura na escola. No entanto, mesmo conhecendo essa realidade, são poucos os alunos dessa escola que se interessam de verdade por essa prática. Além disso, podemos observar também que alguns alunos nem sequer se sentem à vontade de estar na escola.

Um fato interessante de ser mencionado é a resposta dada pelos alunos C e D, onde o primeiro acha a leitura importante, pois considera que sua principal finalidade é ajudar a passar de ano, já o segundo, além de não gostar de ler, assume não se interessar nem mesmo por frequentar a escola.

Nessa modalidade de ensino, todos os alunos já deveriam ter uma noção melhor da importância da leitura, levando em conta que ela tem finalidades que vão muito além de passar alunos de ano.

Nessa questão, as respostas de A e B foram mais lúdicas, pois, eles veem a leitura como uma forma de adquirir conhecimentos e informações importantes para suas vidas e suas produções textuais.

Para a segunda pergunta, “Quais os tipos de livro que você gosta de ler?”, a aluna A respondeu que *gosta de livros de romance e crônica, os quais pouco ou nunca são trabalhados na sala de aula. No entanto, a professora dá liberdade para que os alunos busquem esses livros na biblioteca da escola para ler em casa, mas na realidade poucos ou nenhum dos alunos buscam esses livros no acervo da escola.*

Além disso, quando questionada se a professora trabalha com variedades de textos, ela disse que *não. Normalmente os textos trabalhados em sala estão contidos no livro, talvez por falta de tempo da professora, ou até da aula que é curta.*

Para essa mesma pergunta, a aluna B disse que *gosta de leituras de cunho humorístico. Segundo ela, isso torna a aula mais engraçada, e conseqüentemente melhor. No entanto, esse tipo de leitura quase nunca é feito na aula.*

O aluno C só gosta de ler *histórias em quadrinhos*, e, segundo ele, as leituras que a professora costuma passar em sala de aula *são desinteressantes para boa parte da turma. Por isso, normalmente ele não participa muito dessas aulas. Quanto à sala de leitura da escola, ele disse não frequentar por não conter os tipos de livro que ele gosta.*

O aluno D disse *não ser muito fã de leitura, mas ainda se interessa por livros de suspense ou histórias em quadrinhos. Quando perguntado com que frequência ele procura a sala de leitura, ele respondeu que a única vez que foi lá tinha sido por conta de um trabalho solicitado pela professora, há mais ou menos um ano atrás.*

Essa pergunta tinha a intenção de analisar se os alunos têm o costume de ler, se conhecem ou se interessam por algum livro específico, e se a professora trabalha com variedades textuais na sala de aula. Além disso, também foi possível observar que os alunos, mesmo dispendo de uma sala de leitura, não têm o costume de frequentá-la.

O problema de a sala de leitura da escola ser pouco frequentada pode estar no fato de a professora dar a liberdade para que busquem novas leituras, mas não

acompanhar de perto quem está fazendo isso. Além do mais, se analisarmos a resposta de C, talvez não haja variedades de livros, e, nesse caso, a escola pode não estar se atentando a procurar novos textos, os quais se enquadrem nos desejados pelos alunos.

Nesse momento, a melhor alternativa para o professor seria acompanhar os alunos até a sala de leitura, apresentar alguns textos e instigá-los a ler. Para os alunos como o C, o professor, juntamente com a gestão da escola, poderia buscar textos de fora da escola e levá-los até os discentes, sendo que hoje é possível encontrar uma variedade muito grande desses textos em revistas, jornais, internet, dentre vários outros suportes.

Na terceira pergunta da entrevista, “Com que frequência a professora trabalha a leitura na sala de aula?”, a aluna A respondeu que *normalmente são três leituras mensais, mas há meses que, por questão de tempo, são apenas duas. Durante a aula a professora solicita que eles façam uma leitura silenciosa individual, seguida de leitura em grupo em voz alta, terminando com exercícios para interpretação.*

Quando questionada se a leitura tornava a aula mais interessante, ela disse que *para ela com certeza. Mas que para os outros normalmente a aula era chata.*

Ela aproveitou para citar até um exemplo de textos com um cunho humorístico (o qual foi trabalhado uma única vez esse ano), que *torna a aula mais engraçada, e o tempo até parece passar mais rápido por se tratar de uma aula divertida.* Complementou dizendo que *quando um texto é assim “legal”, até mesmo os alunos que são menos interessados costumam participar da aula, se divertindo e aprendendo junto com eles.*

A aluna B, respondendo a essa pergunta, confirmou que *a leitura é trabalhada todos os meses, em pelo menos duas aulas. Mas por sempre seguir o mesmo método, as aulas estão ficando cada vez mais monótonas, e cada vez menos os alunos se interessam pela leitura.* Embora esse não seja o seu caso, *já que ela gosta muito de ler, e acompanhar tudo que a professora faz na sala de aula.*

Em resposta a essa mesma pergunta, o aluno C afirmou que, para ele, as aulas de leitura *são sempre a mesma coisa, a professora os coloca para ler em grupo os textos “chatos” presentes no livro que eles já usam todos os dias para estudar gramática.* Por isso ele *quase nunca lê esses textos, a menos que a professora chame a sua atenção, ou ameace de tirar pontos daqueles que não estiverem acompanhando a leitura.*

Ele ainda disse que *nunca responde os exercícios de interpretações porque estes nunca são corrigidos no caderno. Nos meses que dá tempo a professora faz uma correção oral, então a aula de leitura acaba por aí até a semana seguinte, onde começa tudo de novo.*

Para o aluno D, *as aulas voltadas para a leitura acontecem todos os meses, mas reafirma aquilo que o colega disse na entrevista anterior sobre as aulas não terem nada de muito interessante.*

É interessante mencionar que ele é ciente de que *a leitura poderia tornar a aula mais interessante e produtiva, mas para isso os textos teriam que ser bem escolhidos, como por exemplo, os textos humorísticos (mais uma vez) seriam uma espécie de salvação, chamando a atenção até dos “desinteressados”.*

Essa pergunta tinha o intuito de descobrir a frequência com que os alunos praticam a leitura dentro da sala de aula, e se os textos que eles leem são interessantes para os mesmos. O que deixou claro uma insatisfação com relação à falta de variedades textuais, e até o desejo por textos mais interessantes.

Na resposta da aluna A, textos legais, ou seja, aqueles que para ela são interessantes, como os textos humorísticos, conseguem chamar a atenção dos alunos, até mesmo de alguns que não gostam de ler. Com isso, a aluna mostra uma ferramenta importante que está à disposição do professor, mas que nessa escola passa despercebido.

A professora poderia fazer uma pesquisa com os alunos a fim de analisar os textos que para eles são interessantes, e fazer uma seleção para aqueles que ela achar conveniente para serem trabalhados na aula, evitando os textos considerados pelos alunos como cansativos, que provêm exclusivamente do livro didático.

Além disso, na resposta do aluno C, foi possível observarmos que a professora utiliza a questão da punição na tentativa de obrigar os alunos a lerem. Esse fator é relevante, pois, dessa forma, ela pode afastar ainda mais os alunos dos textos. Normalmente, as pessoas não gostam de fazer nada por obrigação e, nesse caso, o docente deve dispor da sua autoridade enquanto profissional para incentivá-los a ler, mas de uma maneira que eles não se sintam pressionados.

Para a pergunta seguinte, “A professora dá liberdade para que os alunos escolham o que querem ler?”, a aluna A disse que *isso normalmente não acontece. Somente algumas poucas vezes ela dava a liberdade para que os alunos*

buscassem no livro didático o texto que chamava mais atenção deles, e complementou dizendo que na aula os alunos não opinam muito.

Também foi perguntado o que ela acha que aconteceria caso o aluno tivesse mais liberdade para decidir sobre o que gostariam de ler. A resposta foi que *provavelmente a aula seria muito mais interessante, porque eles poderiam buscar leituras fora do livro didático de textos que para eles são mais atraentes.*

Com base na resposta do aluno B, os discentes *nunca escolhem os tipos de leituras que querem fazer. Esses textos já vêm escolhidos no livro. A professora simplesmente os solicita a abrirem o livro na página que ela mesma escolhe, e começam a leitura.*

Segundo ele, *caso os alunos pudessem opinar mais na aula, principalmente sobre a escolha dos textos, a aula seria muito melhor. Até mesmo poderia aos poucos ir despertando interesse naqueles alunos que não gostam das leituras.*

A resposta do aluno C foi basicamente à mesma dos alunos anteriores. *Eles não podem nem ao menos escolher os textos a serem lidos, portanto, ele não se interessa nem se empenha muito em ler. Para ele, se os alunos pudessem levar textos de casa, livros de fora da escola, todos leriam muito mais.*

O aluno D disse *que houve uma única aula deste ano onde eles puderam escolher o texto que queriam ler, isso dentro do livro didático, mas basicamente sempre quem escolhe a leitura é a professora.*

Para ele, *se a professora solicitasse que eles levassem leituras de casas ou pudessem ir à sala de leitura no momento da aula escolher alguns livros mais interessantes, à aula seria mais atraente, mais dinâmica, e os alunos desinteressados iriam buscar se integrar mais às aulas e quem sabe haveria uma melhora na qualidade de ensino.*

Essa pergunta objetivava analisar o nível de autoridade da professora na sala de aula quanto à leitura, e perceber também se os alunos participavam da escolha dos temas a serem trabalhados. Foi evidenciada a pouca autonomia desses alunos, e mais uma vez o desejo deles de textos inovadores, vindos de outras fontes que não seja o livro didático.

Na maioria das respostas a essa pergunta, os alunos mencionam que, caso pudessem levar as leituras que eles gostam para a escola, a aula se tornaria melhor e seria muito mais proveitosa.

Nesse caso, seria conveniente que os professores, em consenso com a gestão escolar, abrissem espaço para que os alunos tivessem liberdade de buscar textos fora do ambiente escolar para integrá-los as aulas. Porém, para que isso se desenvolva de forma proveitosa, todos os textos devem passar por uma análise dos professores, a fim de selecionar apenas aqueles que podem contribuir beneficentemente para os alunos, distribuídos de acordo com a faixa etária dos discentes.

Com essa proposta, os tipos de textos que não são encontrados na sala de leitura poderiam ser supridos pelos textos que os próprios alunos e também os professores escolheram para ser trabalhados.

Na pergunta seguinte “O que poderia ser feito na sala de aula e na própria escola para tornar as aulas de leitura mais interessantes e chamassem mais a atenção de todos os alunos?”, a aluna A respondeu que *talvez se a aula fosse mais dinâmica e houvesse atividades diferentes das rotineiras, como competições de leituras e interpretações que estimulariam os alunos a lerem para adquirir conhecimentos a fim de ganharem a disputa. E assim, mesmo os que não gostam de ler sem um propósito interessante iriam se esforçar para ganhar devido o espírito competitivo que eles têm.*

A aluna também propôs que *todos os meses a professora inovasse com uma atividade de leitura diferente, inclusive algumas que valessem a nota do mês, o que geraria um interesse maior por parte dos alunos, e ajudaria a professora no final do ano a não precisar buscar atividades monótonas para passar aqueles alunos que não atingiram a quantidade de pontos necessária durante o ano letivo.*

O aluno B deseja que *haja atividades diferentes, como dinâmicas que envolvessem leitura e escrita ou competições de leitura, pois isso instigaria os alunos a lerem, e a professora não teria tanta dificuldade para tentar chamar a atenção dos alunos para os textos que ela costuma trabalhar.*

Para o aluno C, *somente se a professora utilizasse a leitura como forma de avaliação é que os alunos passariam a se interessar mais, como por exemplo, fazer debates em aula valendo parte da nota, ou até mesmo seminários que partissem de textos ou livros interessantes para a obtenção de pontos.*

O aluno D disse que gostaria de *inovações na aula, principalmente nos textos. Segundo ele, uma única vez a professora fez uma atividade diferente com eles, onde houve uma disputa entre dois grupos para melhor interpretação de alguns*

textos. O que ocasionou uma participação de praticamente todos os alunos, inclusive dele e de muitos outros colegas que não gostam muito de ler.

Para ele se houvesse mais debates, mais criatividade na aula eles poderiam cada vez mais se familiarizar com a leitura e assim melhorar o trabalho do professor, e o aprendizado dos alunos.

Essa questão mede o nível de insatisfação dos alunos com relação à aula de leitura, e procura saber a opinião deles sobre o que poderia ser feito para uma melhora na qualidade de ensino. O que se evidenciou é que todos os alunos, mesmo aqueles que não gostam de leitura, afirmaram que com inovações, talvez haja um maior interesse, e assim um maior proveito no momento das aulas.

Outro aspecto importante a ser mencionado nessa questão é o fato dos alunos terem a ideia de que o mais importante para eles são as notas, tanto que julgam que os discentes só se interessam por aquilo que soma pontos nas avaliações. Em casos como esses, o professor deve tentar mostrar ao aluno que as notas não são tão importantes quanto o aprendizado.

A leitura deve ser compreendida como um ato de aprendizagem, de fundamental relevância para a vida dos sujeitos dentro e fora do ambiente escolar. Caso os professores utilizem a leitura meramente como avaliação, os alunos que não se interessam pela leitura mais uma vez se sentiriam pressionados, e talvez só buscassem os textos quando fossem solicitados pelo professor dentro da própria escola.

Isso ocasionaria um efeito oposto ao esperado no que se refere à aproximação dos alunos com os textos. Talvez nesse caso o mais apropriado seja uma mudança quanto aos gêneros textuais e atividades trabalhados na sala de aula. Com uma variedade maior de gêneros textuais à disposição dos alunos e o professor sempre por perto os instigando a leituras, se reinventando e inovando nessas aulas, como o sugerido pelo aluno D, talvez houvesse um maior rendimento nas aulas e na qualidade do ensino.

Para a questão seguinte “Você gosta de produzir os seus próprios textos?” a aluna A disse que sim, *embora não costumasse fazer isso na escola*. Segundo ela, *através da escrita os alunos acabam descobrindo características que nem sabiam que possuíam, como a criatividade*. Conforme a aluna, a professora costuma dizer na aula que *ninguém é “burro” a ponto de não saber fazer um texto. Basta puxar pela mente e criatividade que sai alguma coisa*.

Ela ainda disse que por ela *deveria haver aulas de produção constantes na escola, já que ela não sabe produzir boas redações e gostaria muito de aprender porque sabe que será muito importante futuramente. Porém, trabalhar a produção poderia ser um problema na sala devido alguns alunos que não gostam e não querem aprender a escrever.*

O aluno B disse que *gosta muito de escrever, porque assim ele descobriu que é muito mais criativo do que achava. Porém, fica triste pelo fato da escrita não ser trabalhado com frequência na escola.*

O aluno C foi bem objetivo na resposta, disse que *não gosta de escrever.*

O aluno D mencionou que *por não gostar muito da leitura também não gosta da escrita, até porque ainda não possui conhecimentos suficientes para escrever seus próprios textos.*

Essa pergunta estava voltada para avaliar o nível de interesse dos alunos pela escrita. O que pôde ser observado é que há alunos que gostam dessa prática, no entanto, na sala de aula esse ensino é deficiente.

Com isso, todos os alunos podem sair do ensino fundamental extremamente prejudicados, pois, se os professores não tem o hábito de trabalhar a escrita dos alunos, também não podem esperar que estes aprendam a fazer boas produções textuais ou venham a se interessar por essa prática.

Se observarmos a resposta do aluno D, podemos perceber a influência que a atividade da leitura exerce sobre a prática da escrita, já que, conforme Antunes (2009), uma complementa a outra. Este aluno não gosta de ler e/ou escrever, e assume não possuir conhecimentos suficientes para que consiga produzir textos. O professor poderia mostrar para este tipo de aluno que somente com um contato constante com a leitura é que podemos desenvolver habilidades que nos possibilitam escrever bem.

À pergunta posterior “A professora trabalha com frequência a produção textual na sala de aula?”, a aluna A respondeu que *mais ou menos, antigamente a professora pedia para eles fazerem algum texto, como por exemplo, a redação sobre as férias, ou cartinhas para fazer os convites para as reuniões de pais e mestres.*

O aluno B disse que as aulas de produção *não acontecem com frequência, esse ano mesmo ele não se lembra da professora ter solicitado que eles produzissem nenhum texto até o momento.*

Segundo o aluno C, durante *esse ano, até o momento desta entrevista, a professora não solicitou que eles produzissem nenhum texto.*

O aluno D confirmou aquilo que os alunos já haviam falado: que *não trabalham a produção de textos com frequência.*

Com as respostas a essa pergunta, fica mais clara ainda a necessidade de se trabalhar a produção de textos com frequência nas escolas para desenvolver essa habilidade nos alunos. Aqui o que podemos observar é que estas aulas são basicamente inexistentes na escola em questão, e isso preocupa até mesmo alguns alunos que gostam e sabem da necessidade de se aprender a produzir textos para sua vida escolar e social.

Conforme a resposta da aluna A para essa pergunta, podemos observar que os textos que ela já trabalhou na escola foram: a redação de férias, texto que costuma ser trabalhado sempre na volta às aulas e carta para o dia das mães. Esses textos podem ser trabalhados na escola, pois são gêneros textuais presentes na vida dos alunos, que instigam a criatividade e a preocupação com a articulação do discurso para alcançar uma boa linguagem que agrade o público-alvo, no caso do professor (único leitor da redação de férias) e mães (alvo das cartas). No entanto, conforme Geraldi (2011), o professor não pode prender-se apenas a esse tipo de texto, pois os alunos acabam por se habituarem a repetir ano após ano sempre a mesma coisa. Inclusive redações feitas em um determinado ano escolar podem ser utilizadas por toda a vida estudantil do aluno.

Nesse caso, o professor deve incluir novos tipos de textos nas aulas, de forma que essa prática se torne constante. Dessa forma, os alunos começarão a perceber a importância de escrever e passarão a se interessar mais por essas aulas.

A última pergunta foi “O que você acha que pode ser feito na sala de aula ou na escola, para que haja um maior interesse por parte de vocês (alunos) na escrita?”, Para a aluna A, caso a professora *trabalhasse a produção com mais frequência, para que eles pudessem ir se adaptando a esse tipo de ensino, com certeza os alunos passariam a se interessar mais pela escrita.* Ela tem consciência da importância dessa prática, e disse que *uma das coisas que ela mais deseja é aprender a escrever bem.*

O aluno B disse que se os *próprios alunos conversassem com a professora e pedissem para que ela aumentasse as aulas de leitura e produção textual, talvez os*

alunos se interessassem mais, e passassem a produzir seus próprios textos com mais frequência e facilidade.

O aluno C disse que *por não gostar de produção, não iria opinar nessa questão.*

Para o aluno D, *somente trazendo inovações nas aulas de leitura é que os alunos poderiam passar a se interessar pela escrita.*

A última pergunta estava voltada para buscar uma reflexão acerca do que poderia ser feito nas aulas de Língua Portuguesa, em consenso com toda a escola, para uma melhoria na qualidade de ensino da produção de textos. Além disso, visou analisar a opinião dos alunos sobre essa questão, principalmente aqueles que dizem não gostar da escrita, numa tentativa de buscar soluções para integrá-los nestas aulas.

As conclusões que podemos chegar com essas respostas é que os alunos não são instigados a produzir seus próprios textos, e que a professora não conseguiu, até o momento, integrar essa prática nas aulas de Língua Portuguesa.

A tarefa dos professores em questões como essas seria buscar inovações para as aulas, principalmente de leitura. Juntamente com os alunos, poderiam ser analisados os tipos de textos que eles gostam de ler para em seguida trabalhar com a produção desses textos.

Mediante todas as respostas apresentadas nessas entrevistas, podemos concluir que, do ponto de vista dos alunos, o ensino da leitura e da produção de textos apresenta problemas nessa escola. Segundo eles, os professores não costumam inovar nas leituras, cansando os alunos sempre com a mesma metodologia de ensino, se prendendo ao livro didático e priorizando o ensino de gramática (já que essa é praticada constantemente, enquanto a leitura somente uma vez por semana).

A produção de texto não costuma ser trabalhada nessa série, o que ocasiona prejuízos para os alunos que gostam dessa prática e também para aqueles que não se interessam. Aqui se sente a necessidade de que a escola, juntamente com os professores, principalmente os de Língua Portuguesa, desenvolvam projetos e atividades voltadas ao incentivo à prática da leitura e principalmente da escrita, a fim de integrar todos os alunos a essas práticas.

5.2.2 A visão dos professores sobre as suas práticas nas aulas de leitura e produção de texto

Finalizadas as entrevistas com os alunos, serão analisadas a partir de agora as respostas para os questionamentos que foram feitos para as professoras. A primeira pergunta foi a seguinte: “O que é a leitura para você?”.

Para a professora A, a leitura *é uma prática extremamente importante, pois, desenvolve o raciocínio, o senso crítico e a capacidade de interpretação. Além disso, a prática da leitura amplia o conhecimento e enriquece o vocabulário.*

Para a professora B, a leitura *é uma experiência cotidiana e pessoal representativa para cada pessoa, além de ser uma prática que permite o aluno estar conectado com o outro, possibilitando receber e enviar informações, e é através da leitura que se torna possível conhecer mundos e ideias novas.*

Com essa pergunta, buscava-se entender como essas profissionais da educação conceituam a leitura, além de analisar se elas de fato têm conhecimento da importância do ato de se trabalhar bem a leitura nas aulas de Língua Portuguesa.

O que se pôde comprovar é que elas têm consciência da importância da leitura para que os alunos se desenvolvam como cidadãos críticos-reflexivos, e que essa prática pode melhorar a interação entre sujeitos integrantes de uma sociedade, conforme os PCN. No momento da aula, as professoras buscam sempre trabalhar com leituras de textos. Isso pôde ser comprovado no momento das observações das aulas e também é mencionado por todos os alunos entrevistados. No entanto, percebe-se que falta uma variedade maior de gêneros textuais circulando na própria escola. Conforme Garcez (2004), é na leitura de diversos tipos de textos que os alunos vão desenvolvendo suas próprias características enquanto bons leitores e escritores.

Para a segunda pergunta, “Como você costuma trabalhar a leitura com os alunos do 9º ano?”, a professora A disse que *é uma prática constante, organizada em torno de uma diversidade de textos e gêneros textuais trazidos no livro didático que eles utilizam na escola, que são selecionados de acordo com as necessidades dos jovens, procurando proporcionar aos alunos, um convívio estimulante com a leitura para que esta cumpra seu papel que é o de ampliar, pela leitura da palavra, a leitura de mundo.*

Para a professora B, a leitura é trabalhada com o *intuito de melhorar o desempenho dos alunos em todas as disciplinas, contribuindo para a emancipação do sujeito, tornando-o um cidadão consciente, com uma visão mais ampla de mundo, ajudando-o na transformação de si e da realidade em que vive*. Além disso, ela (professora) busca *melhorar a capacidade de interpretação de cada um*.

O objetivo dessa pergunta era saber se a leitura era trabalhada frequentemente na sala de aula, além de analisar a opinião das docentes sobre a importância de se trabalhar com os textos constantemente. O que se pôde observar é que elas garantem essa prática, no entanto a professora A confirmou um dos problemas que os alunos haviam reportado: o fato de as professoras priorizarem os “textos contidos no livro didático”.

O problema aqui não está exatamente no conteúdo do livro ou dos textos trazidos por ele, e sim no fato dos alunos desejarem inovações, tanto da metodologia das aulas, quanto no material que as professoras utilizam. Conforme pudemos observar nas entrevistas, eles (alunos) não gostam da ideia de utilizar o mesmo livro que já usam diariamente para estudar gramática no ensino com os textos.

No momento da entrevista com as professoras, surgiu um novo questionamento. Foi perguntado se o único material que elas utilizavam na aula de leitura era de fato o livro didático.

A professora A confirmou, e alegou que faz isso *peelo fato de a aula ser muito curta e não dar tempo de programar outros tipos de leitura, além de não ter tempo também fora da escola para buscar novos livros ou textos já que é responsável por uma quantidade muito grande de alunos*.

A professora B também disse que *normalmente utiliza o livro didático, mas que dá autoridade para que eles busquem a sala de leitura, mas infelizmente os alunos não se interessam por isso*.

Essa questão foi muito relevante para a pesquisa, pois mostra que, muitas vezes, a teoria, como a trazida pelos PCN com relação ao ensino de leitura, pode encontrar problemas no momento da prática. As professoras, por serem responsáveis por uma demanda grande de alunos, muitas vezes não encontram tempo para buscar novas possibilidades de leituras que estejam fora do livro didático.

A alternativa que as professoras têm nesse ponto é abrir espaço para que os alunos frequentem a sala de leitura da escola, conforme a professora B. No entanto, há um impasse nesse contexto: os próprios alunos afirmam não gostar de frequentar essa parte da escola por não conter livros que os interessam e assim o problema persiste.

A pergunta seguinte era: os alunos correspondem bem à metodologia utilizada na sala para trabalhar a leitura?

Segundo a professora A, *muitos alunos correspondem bem, e isso a deixa muito feliz, mas também se deve considerar que há aqueles que por alguns fatores não gostam dessa prática e demonstram um desinteresse, portanto alguns alunos não correspondem muito bem à metodologia.*

Para a professora B, *muitos alunos se interessam e correspondem bem, pois, gostam de ler, mas ainda há muitos alunos que não prestam atenção na aula.*

O objetivo dessa pergunta era observar se a forma de ensino dessas professoras é adequada à necessidade dos alunos, além de analisar a preocupação destas professoras em buscar manejar a aula visando à integração de todos os alunos, inclusive aqueles que não se interessam pela leitura.

Seguiu-se a entrevista com a seguinte pergunta complementar à questão anterior: “O que você costuma fazer para integrar aqueles alunos que não se interessam pela leitura nessas aulas?”.

Para a professora A, *essa foi a pergunta mais difícil da entrevista, pois muitos são os fatores que podem desencadear essa falta de interesse na escrita, por isso ela busca tornar a sala um ambiente seguro, impondo regras e limites claramente definidos, buscando motivá-los a ler, utiliza sempre uma voz calma, além de uma linguagem tranquila, e na hora da correção dos erros de leitura, que esta seja feita de maneira eficiente e respeitosa. No entanto, mesmo assim há aqueles alunos que não se interessam, e isso às vezes pode ser frustrante porque simplesmente não há mais o que fazer.*

A professora B procura *tentar integrá-los a leitura falando sobre sua importância e dando autonomia para que eles frequentem a biblioteca sempre que há um tempo disponível, embora eles não costumem fazer isso.*

Nesse caso, as professoras deixaram claro que tentam instigar todos os alunos, mas ainda assim há aqueles que não correspondem, e elas até o momento não conseguiram encontrar uma maneira de estimulá-los a essa prática. No

momento da entrevista, pôde-se observar até certo tom de tristeza na professora A, no momento em que ela mencionou a frase *isso às vezes pode ser frustrante porque simplesmente não há mais o que fazer*.

A pergunta seguinte foi “O que você acha que poderia ser feito na escola, ou na própria sala de aula para que os alunos passem a se interessar mais pela leitura?”.

Para a professora A, uma das atitudes a serem tomadas é *colocar à disposição do aluno, todo e qualquer material que possa ser um convite prazeroso para o ato de ler, como revistas, histórias em quadrinhos, encartes e jornais destinados ao público jovem, livros curtos, como contos e crônicas e principalmente textos humorísticos que os alunos gostam. Porém, ela mesma (professora) confessou que tem vontade de procurar esses textos e trazer para a escola, mas por questões de tempo ela nunca conseguiu*.

A professora B acha que o *problema maior vem das séries iniciais, onde os professores buscam trabalhar apenas aspectos gramaticais, então quando chegam ao nono ano a maioria desses alunos não têm o hábito de ler, o que dificulta um pouco para o professor responsável por essa série. Mas talvez se houvessem mais projetos e/ou atividades extraclasse em todas as escolas poderia melhorar um pouco*.

Com essa pergunta, foi possível perceber que as professoras têm noção do que poderia ser feito para melhorar e incentivar os alunos a praticar a leitura. Porém, mesmo estando cientes disso, elas não conseguem colocar as ideias em prática, e, portanto, não contribuem da forma que gostariam e/ou deveriam para a mudança nesse cenário da educação.

Se compararmos essas respostas com as dos alunos para essa mesma pergunta, podemos perceber uma semelhança sobre o que poderia ser feito na escola: projetos e atividades de leitura e escrita e variedades textuais trazidas de fora da escola. No entanto, o problema persiste devido ao tempo da aula, que é curto, e também pelo fato de as professoras não conseguirem disponibilidade para buscar essas inovações que ambos (professores e alunos) esperam.

Sobre a produção de textos foi perguntado, “Como você caracteriza a produção textual na sala de aula para esse alunado?”.

Para a professora A, a produção de textos *é um importante momento do processo de aprendizagem do aluno, pois, é na produção de textos que eles têm a*

possibilidade de se expressar através da linguagem escrita, deixando de ser um simples leitor para atuar também como autor, como produtor de um texto. No entanto, para que esse momento seja proveitoso é necessário que o professor realize um trabalho contextualizado com as atividades de leitura previamente desenvolvidas. A orientação do professor é fundamental nesse trabalho, auxiliando seus alunos, buscando solucionar as dúvidas e dificuldades que forem surgindo.

Para a professora B, é importante, embora poucas produções sejam trabalhadas durante o ano letivo, muitas vezes por falta de tempo ou por falta de interesse dos próprios alunos.

Essa questão foi voltada para uma análise acerca dos conhecimentos destas professoras sobre a produção de textos e como elas a classificam com relação ao grau de importância dessa prática para o ensino no nono ano.

Foi possível perceber que as professoras consideram essa prática importante. Um fato interessante foi trazido na resposta da professora A, onde ela destaca a importância do professor no momento da produção. Nesse momento, ela aponta que se deve haver uma contextualização entre leitura e escrita, conforme mencionado na parte teórica dessa pesquisa, e o professor é o responsável por orientar os alunos e ajudá-los a chegar numa boa produção.

Cabe mencionar também que, se compararmos a resposta da professora B com algumas afirmações feitas pelos alunos, há um problema na questão da escrita em sala de aula: essa atividade pouco é trabalhada. Isso infelizmente gera preocupação, já que somente praticando constantemente a escrita é que os alunos podem se interessar e passar a fazer boas produções.

A última pergunta desta entrevista foi “Você acha que as aulas destinadas a essa prática (produção) são suficientes para que os alunos comecem a fazer boas produções textuais?”.

Para a professora A, embora ela admita que *não costuma trabalhar com frequência com produção de textos, por achar que a leitura é mais importante para essa série*, ela disse que as aulas são suficientes, já que os professores tem autonomia para dividir as aulas conforme eles acham que seja conveniente.

Para a professora B: *sim, as aulas são suficientes, mas como já havia falado antes, esse tipo de aula não é trabalhada com frequência, já a leitura costuma ser trabalhada frequentemente e de formas diversas.*

Analisando essas respostas, podemos observar que a opinião das professoras difere de alguns dos alunos entrevistados. As docentes afirmam que as aulas de produção, mesmo não sendo executadas com frequência, são suficientes para que os alunos desenvolvam essa habilidade. No entanto, os próprios alunos contradizem isso, mencionando que essas aulas não são praticadas com frequência e desejando, inclusive, uma quantidade maior de aulas voltadas para essa prática, por conhecerem a importância desse estudo para suas vidas.

Outro fator de grande importância nesse contexto é o momento em que a professora A diz considerar a leitura mais importante para essa série do que a escrita. Caso os alunos venham a pensar dessa maneira, a prática de escrita viria a ser ainda mais menosprezada, e todo o trabalho que muitos pesquisadores vêm tentando fazer para integrar essa prática no ensino fundamental II de nada valeria.

Tanto os alunos quanto professores devem pensar que leitura e escrita são duas atividades que estão interligadas e dependem uma da outra para que seu ensino seja funcional e torne os alunos cidadãos capazes de produzir e manifestar-se na sociedade mediante os textos. Ambas, portanto, são extremamente importantes e precisam ser aprendidas e aperfeiçoadas.

Mediante as respostas dadas pelas professoras entrevistadas, numa comparação geral com as entrevistas realizadas com os alunos, foi possível perceber que o ensino de leitura procura ser trabalhado sempre durante as aulas de Língua Portuguesa, com o intuito de desenvolver características importantes para os discentes, como senso crítico, uma melhora na escrita, vocabulário, dentre outras.

No entanto, ainda há problemas nesse contexto, pois os alunos consideram a falta de diversidades textuais na aula uma implicatura que os leva a um afastamento dessa prática. Além disso, os mesmos desejam que mais atividades sejam desenvolvidas na escola para tornar a leitura um momento constante e prazeroso, o que, para os professores infelizmente não é possível, por serem responsáveis por uma quantidade de alunos muito grande, e pela duração da aula ser considerada pequena.

No que rege a produção textual, há uma discrepância entre docente e discente. Os professores confessam que as aulas voltadas para essa prática são poucas, mas acham que mesmo assim são suficientes para que os alunos aprendam. Já os alunos consideram que a quantidade de aulas voltadas para essa

prática não são suficientes para as necessidades que eles sentem em aprender a escrever.

Nesse caso, o ideal seria que o docente buscasse uma forma de distribuição das aulas de forma que venha a trabalhar a leitura na mesma proporção da produção textual, já que essas duas práticas de ensino são complementares e de grande importância para a vida escolar e social de todos os discentes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o trabalho, foram abordadas as implicações recorrentes no processo de ensino de leitura e produção de textos no ensino fundamental, decorrentes da forma tradicional que os professores adotaram e continuam a utilizar na hora de planejar e praticar a aula de Língua Portuguesa.

Procurou-se destacar a leitura e a produção de textos como pressupostos indispensáveis na vida social de qualquer discente, e explicitar que somente com um ensino de qualidade, voltado a abordar todos os aspectos importantes que envolvem essas práticas, é que será possível tornar esses alunos sujeitos crítico-reflexivos para que consigam intervir na sociedade por meio dos seus próprios textos.

Durante toda a pesquisa, nossa maior preocupação era a de mostrar onde estão os principais problemas no momento de trabalhar com os textos, bem como a influência da escola nesse ensino defasado da leitura e escrita, além de identificar os motivos que levam os alunos a distanciar-se dos textos.

Os resultados obtidos foram suficientes para percebermos que há uma necessidade imediata de mudanças nas formas de ensino de alguns docentes, bem como uma conscientização cada vez maior dos alunos acerca da importância de se aprender a ler com um olhar crítico, bem como aprender a escrever bem.

A inclusão de textos na vida dos educandos deve ultrapassar as paredes da escola. Devemos levar em conta que o incentivo familiar também é fundamental nesse processo de inclusão textual na vida dos alunos, pois os textos ensinam a viver em sociedade e dão o suporte necessário para uma melhor interação entre sujeitos. Além disso, somente através da construção de um bom discurso, provido de conhecimentos provenientes dos textos, é que um indivíduo pode mudar a realidade em que vive.

Analisar cada um dos aspectos trabalhados nos capítulos anteriores dessa pesquisa serviu para certificar-nos de que o ensino com textos é capaz de modificar o ensino, já que, por meio da leitura dos gêneros, o aluno pode desenvolver sua criticidade, expandir consideravelmente seus conhecimentos, adquirir experiência e informação para realizar as suas próprias produções textuais.

O trabalho com produção de textos no ensino fundamental desenvolve características muitas vezes desconhecidas ao próprio aluno, como a criatividade, o prazer pela escrita, o despertar para o universo textual.

Levando em consideração tudo o que foi mencionado, fica clara a importância de introduzir os textos, tanto para leituras quanto para produções nas aulas de Língua Portuguesa. Os professores devem se atentar aos interesses e necessidades dos alunos, inovando sempre nos textos e na metodologia de ensino dos mesmos, a fim de integrar todos os alunos de forma que eles venham a se interessar cada vez mais pela leitura e conseqüentemente pela escrita.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. 8 ed. São Paulo: Parábola Editora, 2009.

_____. **Língua, textos e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch, 1895-1975. **Estética da criação verbal** / Mikhail Bakhtin. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL, SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa: 5 a 8**. Série. Brasília: SEF, 1998.

BRASIL, Universidade Luterana do. **Estratégias de leitura em língua portuguesa**. Curitiba: Ibpex, 2009.

CHIAPPINI, Ligia (Coord.). **Aprender e ensinar com texto**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CITELLI, B. **Produção de textos no ensino fundamental**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

FERREIRO, Emília. **Com Todas as Letras**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 46 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**/ Paulo Freire. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. **Técnica de Redação: o que preciso saber para bem escrever**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GERALDI, João Wanderley. **Unidades básicas do ensino do português**. 3 ed. São Paulo, 2003.

GERALDI, J. Wanderley; CITELLI, Beatriz. **Aprender e ensinar com textos de alunos**. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

KOCHE, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2000.

KOCHE, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 2014.

KOCHE, Vanilda Salton; BOFF, Odete Maria Benetti; MARINELLO, Adiane Fogali. **Leitura e produção textual: Gêneros textuais do argumentar e expor**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL, SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acessado em: 22/07/2014.

PARANÁ. Secretária de Estado da Educação; Superintendência de Educação; Departamento de Ensino de 1 grau. **Currículo Básico para a Escola Pública do Estado do Paraná**. Curitiba: SEED, 2008.
Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/pt/arquivos/sielp2012/380.pdf>. Acessado em 15/07/2014.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, Erismar Zuloso de Sousa,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação Implicações do ensino tradicional de leitura e produção de textos no 9º ano do ensino fundamental de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 27 de Janeiro de 2015.

Erismar Zuloso de Sousa
Assinatura